

TEMÁTICA DO ENEM 2017 E SEU MARCO HISTÓRICO: ANÁLISE CRÍTICA DOS DISCURSOS DOS SIMPATIZANTES PELA CAUSA SURDA

Enem 2017 theme and its historical landmark: Critical analysis
of the supporters' discourses for the deaf cause

Juliana Barbosa Alves¹
Cleide Emília Faye Pedrosa²

RESUMO

O objetivo da pesquisa, com base na visão crítica das práticas sociais, foi analisar os discursos dos simpatizantes da causa surda contidos nos comentários do Facebook, sobre a temática do ENEM 2017. Para isso, utilizamos como aporte teórico a Análise Crítica do Discurso (ACD), que tem seu objetivo centrado em ancorar a divulgação de problemas sociais; os *Estudos surdos*, a *Luta por reconhecimento do povo surdo* aplicada à sua cultura e à sua identidade; e a Gramática Sistêmico-Funcional, para dar conta das análises linguísticas. A metodologia empregada foi a qualitativa

ABSTRACT

The objective of this research, based on the critical view of social practices, was to analyze the speeches of supporters of the deaf cause, contained in the comments from Facebook, on ENEM 2017. For that, we used as a theoretical contribution the Critical Discourse Analysis (CDA), which aims to anchor the dissemination of social problems; the Deaf Studies, the Fight for Recognition of Deaf People applied to their culture and identity; and Sys-

¹ Universidade Federal de Sergipe - UFS, São Cristóvão, SE, Brasil; CNPq; julialves01@hotmail.com.

² Universidade Federal de Sergipe - UFS, São Cristóvão, SE, Brasil; Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal (2019-2020); cleideemiliafayepedrosa@gmail.com.

interpretativa, e adotamos os passos sugeridos por Pedrosa (2018) na Abordagem sociológica do discurso, uma corrente brasileira da ACD, como caminho metodológico. Como resultado, os textos/discursos, linguisticamente e sociodiscursivamente analisados nos permitiram reflexões sobre a visão da sociedade acerca da causa surda.

temic-Functional Grammar, to account for linguistic analysis. The methodology used was the interpretative-qualitative one, and we adopted the steps suggested by Pedrosa (2018) in Sociological Approach to Discourse, a Brazilian approach of CDA, as the methodological path. As a result, the texts/discourses, linguistically and socio-discursively analyzed, provided us reflections on society's view of the deaf cause.

PALAVRAS-CHAVE

Análise Crítica do Discurso; Práticas sociais; Comunidade surda; Temática ENEM 2017.

KEYWORDS

Critical discourse analysis; Social practices; Deaf community; Theme ENEM 2017.

Introdução

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPQ e está inserido em um projeto maior, a saber, “Papel da análise crítica do discurso nas práticas sociais: desigualdade social, aprendizagem cidadã e empoderamento” (PVD 6401-2018), o qual trabalha com grupos vulneráveis. Nosso foco foi a comunidade surda, este grupo vulnerável que vem sofrendo com a desigualdade social que assola as minorias marginalizadas nas relações de poder instauradas nas práticas sociais.

Para a Análise Crítica do Discurso (ACD), uma das teorias em que fundamentamos este artigo, os estudos críticos da linguagem são abordados como prática social, e, para tanto, utiliza-se uma reunião de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares (VIEIRA; MACEDO, 2018). Dialogamos, assim, com uma teoria das ciências sociais, a *Luta por reconhecimento*, de Honneth, que tem sua base nas relações intersubjetivas dos sujeitos em suas relações sociais e seus comportamentos diante de seus parceiros de interação (HONNETH, 2009).

Para atender ao caráter linguístico das análises textualmente orientadas, como convém às análises com base na ACD, utilizamos a Gramática Sistemico-Funcional através de suas categorias, especificamente o Sistema de Avaliatividade (ALMEIDA, 2010; SOUZA, 2010; VIAN JR., 2010a).

Considerando a visão crítica das práticas sociais, esta investigação tem como objetivo analisar os discursos dos simpatizantes da causa surda, contidos nos comentários do Facebook, sobre a temática do ENEM 2017, a saber, “Desafios para a formação educacional do surdo no Brasil”.

Essa prova foi um marco histórico para o Povo surdo. Muitas lutas por seus direitos, por reconhecimento enquanto cidadãos e por uma educação de qualidade foram representadas neste fato, o tema de uma redação de um Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), realizado por um órgão federal, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Em face disso, a prova do Enem, ao longo da história, tem mostrado interesse pelos grupos vulneráveis.

A acessibilidade teve seu despertar no ano 2000, com a oferta de recursos de acessibilidade, quando 376 pessoas solicitaram o atendimento especializado. Uma década depois, 20.413 participantes tiveram acesso a recursos de acessibilidade para a realização da prova.

Em 2017, o Inep lançou mais um recurso de acessibilidade, a “Video-prova em Libras”³, para surdos e deficientes auditivos. Nesse mesmo ano, o tema da redação foi “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, ampliando, dessa forma, o debate sobre o assunto e dando visibilidade à causa surda.

Hoje, os recursos de acessibilidade para quem tem surdez ou deficiência auditiva são: tradutor intérprete de Libras, videoprova em Libras, leitura labial e tempo adicional.

Assumindo seu compromisso de acessibilidade e inclusão, reafirmado através da Portaria nº 468⁴, de 3 de abril de 2017, em seu Artigo 8: “A aplicação do ENEM levará em consideração as questões de acessibilidade em 2018”, o Inep lançou o Enem em Libras, que disponibiliza editais, cartilhas, campanhas de comunicação e videoprovas em Libras, e, também, a plataforma Videoprova

³Disponível em: <<http://enemvideolibras.inep.gov.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

⁴Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20144117/do1-2017-04-04-portaria-no-468-de-3-de-abril-de-2017-20144067>. Acesso em: 07 jul. 2019.

em Libras, na qual ficarão disponíveis as provas em vídeo, com os enunciados e as opções de resposta em um formato parecido com o da aplicação da prova.

Com base nesta contextualização, facilmente observa-se a relevância de uma pesquisa que trabalhe com tais questões. Desse modo, acreditamos que o *corpus* que selecionamos e sua análise com a base teórica da ACD colaboram para uma reflexão da visão que se tem ou se deveria ter da aprendizagem cidadã de grupos vulneráveis (PEDROSA, 2018), tendo em vista que, em seu engajamento político, a ACD tem como principal objetivo estudar as práticas sociais pelo viés dos grupos dominados, visando à equidade social (LIRA; ALVES, 2018).

1 Percorso discursivo-social

Neste percurso, exporemos o aporte teórico e justificaremos a razão de estabelecermos o diálogo entre ACD, Estudos Surdos e Luta por Reconhecimento.

1.1 Análise Crítica do Discurso e Estudos Surdos: das teorias às práticas sociais de empoderamento

Na Análise Crítica do Discurso (ACD), a criticidade advém de seu diálogo com a ciência social crítica, que discute os aspectos políticos e, especialmente, éticos da vida em sociedade. Abordando de maneira mais simples, podemos dizer que a ACD é crítica porque sua abordagem enfatiza a relação formada entre linguagem e práticas sociais, em que, nessa relação, se estabelece um diálogo entre as partes, linguagem e práticas sociais, que se adaptam de forma mútua, tendo como foco os efeitos e as causas da relação desigual de poder (VIEIRA; MACEDO, 2018).

Um dos grandes objetivos da ACD é desvelar o que está oculto nos discursos hegemônicos, aquilo que já foi naturalizado e, por esse motivo, não se mostra na superfície textual. Outros objetivos (PEDRO, 1997; VIEIRA; MACEDO, 2018) da ACD também são determinados em uma abordagem política, social e cultural, pois essa teoria vê a linguagem como prática social e ideológica e concebe, por isso, a relação entre os falantes analisados conforme o contexto das relações de poder, de opressão e de resistência fundadas institucionalmente. Em vista disso, o texto é considerado a unidade fundamental para a análise crítica e, assim, a unidade mínima para a análise crítica. Porém,

não para nesses aspectos, uma vez que ainda se incluem os parâmetros discursivos e sociais, a fim de se somarem e denunciarem as relações desiguais de poder que perpassam a linguagem e os discursos.

Essa relação desigual de poder sempre marcou os Surdos e outros grupos vulneráveis. Na Antiguidade, eles eram tidos como inferiores, “as crianças surdas e selvagens eram, todavia, um complicador para essa definição de homem, já que os surdos eram pensados como sem língua e as crianças feras eram invariavelmente mudas” (GESSER, 2009, p. 26-27). “Sem língua”, portanto, é uma marca estigmatizadora dessas crianças.

Embora existam estudos anteriores sobre a língua de sinais dos Surdos, é apenas no ano de 1960, por meio dos estudos do linguista William Stokoe, que analisou a Língua Americana de Sinais (ASL), que as Línguas de Sinais receberam reconhecimento linguístico. Esse fato serviu para fortalecer a Língua de Sinais, língua natural dos surdos, “em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá línguas de sinais. Podemos dizer que o que é *universal* é o impulso dos indivíduos para comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é **sinalizado**” (GESSER, 2009, p. 12, destaque da autora). Ainda nos Estados Unidos, a fundação de uma Universidade para surdos, a Universidade Gallaudet, em 1864, contribuiu para o fortalecimento da comunidade surda. Aqui no Brasil, a criação do hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 1857, foi um marco na educação dos surdos (GESSER, 2009, 2012; SOUZA, 2014).

À visão histórica da Língua Brasileira de Sinais se junta a história da educação dos surdos no mundo. Essa história passa por várias nuances, visto que, por um lado, havia os médicos que tratavam a surdez apenas como patologia e, por outro lado, os religiosos que, ao longo da história, acolheram pessoas com deficiência abandonadas pela família.

Na Idade Média, os deficientes auditivos eram tratados como seres primitivos, castigados pelos Deuses, abandonados pela família e excluídos da sociedade (CARVALHO, 2007). Ocorria também seu extermínio (eugenia). Aristóteles pregava a aversão à possibilidade de educação de um deficiente auditivo, afirmando que, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar. Já Sócrates, por sua vez, considerava aceitável que os surdos se comunicassem com as mãos e o corpo (CARVALHO, 2007; GESSER, 2009, 2012).

É com *Pedro Ponce de León*, considerado o primeiro professor de Surdos, que se inicia a verdadeira educação dos Surdos a nível mundial. [...] Segundo Ponce de León, alguns Surdos aprenderam filosofia natural e astrologia, através das suas capacidades intelectuais, ao contrário do que dizia Aristóteles (CARVALHO, 2007, p. 19, destaque do autor).

Um fato trágico que marcou a história da educação dos surdos, ocorrido em 1880, foi o Congresso de Milão, no qual o oralismo foi instituído como a filosofia oficial de educação dos surdos. Dois secretários desse evento registraram a decisão: Rochelle (1880) para o francês e Kinsey (1880) para o inglês. Destacamos a seguir algumas decisões tomadas, enfatizando os métodos a serem utilizados (KINSEY, 1880, p. 03-04, tradução nossa)⁵:

I

O Congresso

Considerando a superioridade incontestável da fala sobre os sinais, restaurando o surdo-mudo à sociedade e dando-lhe um conhecimento perfeito da língua

Declara que o método oral deve ser preferido ao dos sinais para a educação e instrução de surdos-mudos.

II

O Congresso

Considerando que o uso simultâneo da fala e dos sinais tem a desvantagem de prejudicar a fala, a leitura labial e a precisão das ideias,

Declara que o método oral puro deve ser preferido.

[...]

IV

O Congresso

Considerando que o ensino de surdos pelo método oral puro deve ser o mais semelhante possível aos que ouvem e falam,

Declara

⁵ I The Congress

Considering the incontestable superiority of speech over signs in restoring the deaf-mute to society, and in giving him the more perfect knowledge of language,

Declares

That the Oral method ought to be preferred to that of signs for the education and instruction of the deaf and dumb.

II. The Congress Considering that the simultaneous use of speech and signs has the disadvantage of injuring speech, lip-reading, and precision of ideas, Declares That the Pure Oral method ought to be preferred.

[...]

IV. The Congress Considering that the teaching of the speaking-deaf by the Pure Oral method should resemble as much as possible that of those who hear and speak, Declares

1. That the most natural and effectual means by which the speaking-deaf may acquire the knowledge of language is the "intuitive" method, viz., that which consists in setting forth, first by speech, and then by writing, the objects and the facts which are placed before the eyes of the pupils.

[...]

1. Que o meio mais natural e eficaz pelo qual o surdo-falante pode adquirir conhecimento da língua é o método “intuitivo”, isto é, o que consiste em expor, primeiro pela fala e depois pela escrita, os objetos e fatos que são colocados diante dos olhos dos alunos.
[...]

Desse modo, e com forte influência no mundo inteiro, a língua de sinais foi proibida nas escolas.

Sobre esse panorama, Quadros (1997, p. 21-22) explica-nos que o oralismo estava fundamentado na “recuperação” dos surdos. O método ressalta a língua oral como tendo fins terapêuticos. Para isso, era necessário que a língua de sinais fosse banida da sala de aula e também do ambiente familiar, mesmo que esse ambiente fosse constituído por pessoas surdas já usuárias da língua de sinais.

Em 1857, inicia-se, oficialmente, a educação de surdos no Brasil, com a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado por Dom Pedro II ao convidar o professor francês Ernest Huet para iniciar a primeira escola para surdos no Brasil.

Diante do resumo histórico, podemos perceber que, há muitas décadas, os surdos foram excluídos da sociedade, tendo seu processo de formação educacional retardado pelos posicionamentos pedagógicos e médicos de várias épocas.

A educação dos surdos, atualmente, apesar de todos os avanços teóricos e legais, como, por exemplo: o atendimento educacional especializado para pessoas com surdez, assegurado por lei; o direito a uma educação bilíngue durante todo o processo educativo; a garantia, pelas instituições federais, da inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva em escolas e classes de educação bilíngue em todo percurso educacional; o uso de tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação, bem como os serviços de tradutor e intérprete em sala de aula e em outros espaços educacionais (BRASIL, 2005), na prática, muitas vezes, todos esses formatos, que não deveriam ser utópicos, não saem do papel.

Por essa razão, Quadros (1997) defende que, antes de se preocupar com as informações curriculares das escolas bilíngues para surdos, a criança surda precisa interagir em ambientes linguísticos próprios à formação de sua identidade surda. Nas palavras da estudiosa,

A criança, ao ter um ambiente linguístico e cultural adequado às suas necessidades, oportunidade de interagir com adultos surdos, ter garantida a interação com os pais e vivenciar diferentes situações, certamente conseguirá conceber uma teoria de mundo e formar sua identidade pessoal. Assim, a escola passa a preocupar-se com os conteúdos e informações curriculares (QUADROS, 1997, p. 109).

Esses aspectos reforçam que os surdos ainda sofrem com uma defasagem educacional que ocorre devido à ausência de professores qualificados na filosofia bilíngue e também pela prática de políticas públicas ineficientes.

No entanto, ações afirmativas continuam por todo o Brasil. Por exemplo, em Aracaju, Sergipe, a realização, em 10 de maio de 2019, de uma Audiência Pública⁶ intitulada “Escola Bilíngue: do Direito à Prática”, promovida pelo deputado estadual Iran Barbosa em parceria com o vereador de Aracaju Lucas Aribé. A audiência contou, além da participação da comunidade surda local, com palestras da coordenadora geral de Política Pedagógica da Educação Bilíngue do MEC, Flaviane Reis; do presidente do Centro de Surdos de Aracaju (Cesaju), o surdo Pablo Ramon; da presidente do Instituto Pedagógico de Apoio à Educação do Surdo (Ipaese), Ana Lúcia Nunes, ouvinte e mãe de surdo; do vice-presidente do Cesaju e professor substituto do curso de Letras-Libras da UFS, Geraldo Ferreira; e da chefe de departamento e coordenadora do Curso Letras-Libras da UFS, Profa. Msc. Alzenira Aquino, e da primeira coordenadora do Curso, a Profa. Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa. Professores e alunos surdos e ouvintes da Universidade Federal de Sergipe estiveram também presentes.

A fim de conjugar diálogos teóricos que reforcem as análises que faremos e o posicionamento crítico que queremos defender, traremos alguns dados sobre a teoria “Luta por Reconhecimento” de Honneth (2009).

1.2 A teoria da Luta por Reconhecimento

É em suas relações intersubjetivas que os sujeitos travam uma luta por reconhecimento para, de tal modo, se inserirem na sociedade, defende Honneth (2009). Essa é sua principal tese teórica, juntamente com a resposta social da solidariedade.

⁶ Disponível em: <<https://al.se.leg.br/alzenira-aquino-luta-e-para-incluir-libras-na-educacao-basica/>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

A solidariedade remete à aceitação recíproca das qualidades individuais, julgadas a partir dos valores existentes na comunidade. As relações dessa espécie (solidárias) não despertam somente a tolerância para com a particularidade individual da outra pessoa, mas também o interesse afetivo por essa particularidade, e é na experiência da solidariedade que o sujeito alcança a autoestima.



Quadro 1 – Estrutura das relações sociais de reconhecimento (Honneth, 2009)

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Honneth, 2009.

No quadro acima, ilustramos as formas de reconhecimento da teoria de Honneth (2009), o amor, o direito e a solidariedade. Apontamos de que maneiras se dá o reconhecimento em cada esfera, bem como as formas de desrespeito sofridas pelos sujeitos em suas relações intersubjetivas, o que irá afetar suas autorelações.

Com isso, entendemos que Honneth irá nos ajudar a compreender como se desenvolve a luta por reconhecimento do sujeito surdo e, também, como os comentários dos simpatizantes sobre a temática do ENEM 2017 (“Desafios para a educação de surdos no Brasil”), coletados no Facebook, contribuem para essa batalha intersubjetiva por reconhecimento.

O Facebook tem o poder de socializar várias pessoas, o que justifica o fato de escolhermos essa mídia social para nela coletarmos o *corpus*. Segundo Teixeira (2012 *apud* SOUZA, 2016, p. 20), “a missão do Facebook é servir como mapa segundo o qual o indivíduo pode se mover pela rede e descobrir novas coisas com base nas outras pessoas que vai encontrando, nas pessoas que já conhece e nas recomendações que essas pessoas lhe dão”.

2 Percurso linguístico-textual: a Gramática Sistêmico-Funcional

Atendendo ao caráter linguístico das análises, empregamos a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), que trabalha com a linguagem em uso no contexto social, pois “ao usarmos a linguagem fazemos, portanto, uma série de *escolhas* dentre as possibilidades que o sistema linguístico disponibiliza” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19, destaque das autoras). Dessa forma, a GSF irá nos auxiliar, por meio de suas categorias léxico-gramaticais, a entender como funciona a linguagem.

Entre os sistemas da GSF, utilizaremos o Sistema de Avaliatividade, no qual é possível categorizar os recursos léxico-gramaticais empregados nas avaliações (VIAN JR., 2010a). Esse Sistema é subdividido em três subsistemas, a saber: Atitude, Gradação e Engajamento. Dentro desses subsistemas são disponibilizados diferentes recursos, como, por exemplo, expressar emoção, fazer julgamentos, intensificar o grau da avaliação e definir a relação do produtor do texto com seu interlocutor (VIAN JR., 2010a).

3 Percurso metodológico

Tendo como pano de fundo uma pesquisa de cunho social, fundamentamo-nos na metodologia qualitativa-interpretativista (MAGALHÃES et al., 2017), utilizada para as análises em ACD.

A coleta do *corpus* foi realizada mediante o objetivo inicial, analisar o discurso das postagens de simpatizantes pela causa surda, observando a maneira como se manifestaram acerca da temática do ENEM 2017. Assim, utilizamos, no Facebook, a ferramenta de busca. Através dela, é possível selecionar o tema que se deseja encontrar por meio de palavras-chave ou frases; há ainda a opção de selecionar alguns filtros, como data, local e nome do usuário. Nessa pesquisa, selecionamos a data, mês de novembro, e o ano, 2017.

As palavras-chave foram: “enem 2017”, “tema da redação do enem 2017”, “redação enem 2017”. Na busca, a ferramenta mostra comentários que tenham as palavras-chave ou frase digitadas, seguindo a ordem ou de forma aleatória, podendo conter no comentário mostrado uma ou todas as palavras digitadas.

O *corpus* é constituído de onze postagens feitas no Facebook. Desse total, utilizamos para análise cinco comentários que julgamos ser mais relevantes para o estudo proposto.

Para isso, seguimos os passos metodológicos sugeridos por Pedrosa (2018, p. 159) na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ACSD), abordagem nacional da ACD:

Definir o objeto de estudo; Traçar objetivos de análise; Identificar as áreas de interfaces que atendem aos objetivos; Selecionar as categorias de cada área interfática que alcancem os objetivos propostos; Articular a discursividade à sua materialidade textual; Estabelecer o diálogo entre as categorias de cada área definida e sua materialidade como pressuposto para os resultados analíticos a serem demonstrados; Identificar os sentidos sociais representados e construídos no discurso; Relacionar os sentidos identificados às questões sociais situadas/contextualizadas.

4 Percorso analítico: resultados, discussões e reflexões

Considerando os percursos anteriores, este percurso analítico utilizará os posicionamentos do percurso teórico (Análise Crítica do Discurso, Estudos Surdos, Luta por Reconhecimento e Gramática Sistêmico-Funcional) com base numa metodologia qualitativa-interpretativa.

Ao fazer a busca no Facebook, selecionamos os comentários dos simpatizantes pela causa surda (SD). Na sequência, analisaremos cinco desses comentários.

Exemplo 01

(SD1) “Enem 2017 está de parabéns pela escolha do tema da Redação! Mas Leandro, o tema não está muito específico? De fato, porém ele só mostra como a nossa sociedade necessita, urgentemente, de informações sobre inclusão social, como a indiferença nossa de cada dia deixa passarem despercebidos os problemas nos quais não estamos inseridos. Tentar entender como sobrevivem os diversos grupos sociais e ajudá-los a conviver nesta sociedade tão cruel e desigual já é o primeiro passo. A comunidade de surdos e ouvintes vibra com esse grito de hoje!”

O comentário inicia com uma avaliação por apreciação positiva (de acordo com a GSF, é quando avaliamos coisas), observada no trecho “Enem 2017 está de parabéns”, em que o sujeito discursivo, ao fazer essa avaliação, se mostra solidário à causa surda. Esse tipo de relação solidária, observada na sequência discursiva, identifica um sujeito discursivo e social empático com a

causa surda, pois, segundo a Teoria da Luta por Reconhecimento, “só na medida em que eu cuido ativamente de que suas propriedades [do outro], estranhas a mim, possam se desdobrar, os objetivos que nos são comuns passam a ser realizáveis” (HONNETH, 2009, p. 211).

De uma forma mais ampla, o sujeito discursivo fala em inclusão social ao fazer um julgamento (quando avaliamos pessoas) por estima social de indivíduos que desconhecem os problemas enfrentados por grupos marginalizados, o que pode ser observado no trecho “a indiferença nossa de cada dia”.

Um marco para a inclusão, em 1994, foi a Declaração de Salamanca⁷. Ela defende que “os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional”. Mais de duas décadas depois, os desafios da inclusão ainda são muitos, seja no âmbito social ou educacional, uma vez que, no caso da surdez, o sujeito enfrenta a barreira linguística em sua comunicação tanto em órgãos públicos quanto na sociedade em geral, enquanto na esfera escolar a falta de intérpretes e de professores especializados aprofunda o problema. Essa é, pois, uma questão de privação e exclusão (Luta por Reconhecimento) que há tempo acompanha o Povo Surdo.

Ainda sobre a tessitura textual, identificamos o uso do recurso do afeto no trecho “vibra com esse grito de hoje”; percebemos também que, ao ser solidário com a causa surda, o sujeito coloca surdos e ouvintes em uma mesma comunidade, visto que a Declaração de Salamanca, de 1994, estabelece o modelo democrático baseado na igualdade consensual, e, com isso, o sujeito discursivo festeja a visibilidade dada à comunidade surda.

Ao refletirmos acerca desse comentário de um sujeito comprometido com a causa surda, temos certeza da escolha do aporte teórico, na medida em que “trabalhar com ACD é assumir compromisso acadêmico e político com os grupos que sofrem discriminação em busca, se possível, do equilíbrio social; ou, no mínimo, da conscientização dos grupos vulneráveis sobre a realidade de sua situação” (PEDROSA, 2018, p. 154).

⁷ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

Exemplo 02

(SD2) “Povo que luta por uma inclusão digna no Brasil.... Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil..... Os desafios são grandes visto que a sociedade e nossas escolas como também os professores infelizmente não estão preparados para de fato incluir a população surda no contexto escolar, impedindo que os mesmos deem continuidade na sua vida escolar, assim fazendo com eles acabem se evadindo da escola.”

O sujeito discursivo dirige-se a seu leitor fazendo um chamamento e ainda é utilizado um recurso heteroglóssico no trecho “Povo que luta por uma inclusão digna no Brasil”, em que se faz referência a outras vozes que são solidárias, assim como ele, à causa da inclusão. Ao utilizar um recurso linguístico heteroglóssico, o sujeito discursivo demonstra o desejo de negociar, colocando sua posição como uma das muitas que podem haver sobre o tema (VIAN JR., 2010b). E muito mais que isso, que podem contribuir para a causa surda, sabendo que o somatório de vozes solidárias pode enfrentar as formas de desrespeito (como maus-tratos e violação; privação de direitos e exclusão; degradação e ofensas) por modos de reconhecimentos, desde as relações primárias até as jurídicas e de comunidades de valores (HONNETH, 2009).

Por meio de uma apreciação negativa das escolas que não estão preparadas para a inclusão dos surdos, ele também inclui os professores como despreparados (julgamento negativo), no trecho “a sociedade e nossas escolas como também os professores infelizmente não estão preparados”. Podemos julgar e apreciar, nesse sentido, que o despreparo desses professores seria a consequência de um sistema escolar que não prioriza a inclusão escolar da comunidade surda e, como consequência, temos a evasão desses alunos.

É dever dos governos, segundo a Declaração de Salamanca, dar prioridade política e financeira ao sistema educacional para incluir todas as crianças, com diferenças ou dificuldades individuais; é colocado também, como dever dos governos, que garantam, “no contexto de uma mudança sistêmica, programas de treinamento de professores, tanto em serviço como durante a formação, incluam a provisão de educação especial dentro das escolas inclusivas” (BRASIL, 1994, p. 2).

No âmbito da educação dos surdos, o ideal é que se tenha uma educação bilíngue, por meio da qual o aluno surdo possa se inserir em um ambiente

linguístico favorável à aquisição de sua língua natural, a língua de sinais, proporcionando-lhe, com isso, a aprendizagem de novos conhecimentos de forma apropriada. Esse tipo de filosofia educacional defende uma comunicação baseada no respeito à cultura surda, promovendo ao sujeito surdo possibilidades de mudanças sociais e culturais (QUADROS, 1997; CARTA, 2012).

Exemplo 03

(SD₃) “Tema da redação do Enem 2017: ‘Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil’ Tema importante para ser debatido no ambiente escolar e nos mais variados ambientes. Acredito que pegou muitos estudantes de surpresa, já que poucos se preocupam ou se interessam pela causa. Posso até estar errado, mas a nossa realidade na questão dos surdos, mudos, cegos e tantas outras pessoas que vivem enfrentando grandes desafios cotidianamente, ainda vai demorar muito para mudar. Falando no ambiente escolar, ainda temos muito que avançar. A redação servirá para levantar o discurso. No Brasil o pontapé tem que ser dado. Que facilitem e disponibilizem os cursos de LIBRAS, BRAILE... Que incentivem a população a estudar, praticar e repassar a língua de sinais. Se houver um real interesse e investimento, logo logo teremos grandes resultados. Viralizando no 3!”

No início do comentário, o sujeito discursivo afirma, utilizando o recurso heteroglôssico, que o tema deve ser debatido em vários ambientes da sociedade, no trecho “Tema importante para ser debatido no ambiente escolar e nos mais variados ambientes”. No debate, pressupõem-se outras vozes, sejam elas consonantes ou mesmo dissonantes, porém que haja vozes discutindo, a fim de que o tema seja conhecido.

Observamos a ocorrência de um julgamento, por estima social dos “estudantes”, no trecho “poucos se preocupam ou se interessam pela causa”. Para Vian Jr. (2010a), esse tipo de julgamento, estima social, é uma avaliação do comportamento das pessoas. De fato, o Povo Surdo, ao longo dos anos, e mesmo atualmente, não desperta o interesse da maioria, seja pela barreira linguística, seja pela falta de conhecimento, ou mesmo mais grave, pelo preconceito.

A sociedade não conhece nada sobre povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como “coitadinhos”, “que pena”, ou lida como se tivessem “uma doença contagiosa” ou de forma preconceituosa e outros

estereótipos causados pela falta de conhecimento (STRÖBEL, 2007, p. 21).

O sujeito discursivo, apesar de ser solidário com a causa surda, se mostra desacreditado de que mudanças efetivas acontecerão, podemos observar no trecho “ainda vai demorar muito para mudar”; há ainda no mesmo trecho outro recurso heteroglóssico, visto que o sujeito abre seu discurso para a negociação, quando coloca “Posso até estar errado”. Concordamos com o sujeito discursivo que mudanças efetivas, em cumprimento total de Leis e Decretos, reconhecendo a comunidade surda como sujeitos de direitos (Formas de reconhecimento – Relações jurídicas, HONNETH, 2009), ainda precisam alcançar patamares mais altos; no entanto, não podemos deixar de salientar as mudanças ocorridas ao longo dos anos, como o reconhecimento da Libras, a inclusão da disciplina Libras nos cursos de licenciatura, os cursos de graduação em Letras Libras, além do tema da redação do ENEM, em 2017, referente à causa surda. O fato de a inclusão dos Surdos ser o tema de um exame nacional, realizado por milhares de brasileiros, tornando a causa surda mais visível e posta para discussão e reflexão, constitui, sem dúvida, um grande passo, um marco histórico.

Para finalizar, percebemos o uso mais uma vez do recurso heteroglóssico, abrindo espaço para negociar solidariedade, a qual remete à aceitação recíproca das qualidades individuais, julgadas a partir dos valores existentes na comunidade (HONNETH, 2009), o que constatamos no trecho “Viralizando”. Chama-se atenção para o verbo “viralizar”⁸, utilizado para fazer com que algo seja compartilhado por muitas pessoas. Mostra-se, assim, o chamado para o engajamento com a causa surda e sua luta por direitos iguais, para, com isso, almejar uma sociedade justa e democrática, em que todos tenham direitos iguais (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018).

Exemplo 04

(SD4) “Sobre o tema da redação do ENEM/2017... (existe diferença, sim, entre surdo e deficiente auditivo) A gauchinha TAINÁ nos faz refletir, com o seu testemunho, o quanto estamos despreparados para lidar com os surdos. Em todo o mundo a Libras é reconhecida como Língua oficial. No Brasil a prioridade é Inglês, Espanhol, francês, italiano, etc. Em breve seremos fluentes até em Mandarim, né?! Pois eles também. Achei

⁸ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/viralizar/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

interessante o tema e pela primeira vez, devo aplaudir. Espero que as melhores notas deste ano venham da Redação.”

Observamos, no início do texto, o uso do subsistema de engajamento. É por meio do engajamento que “os produtores textuais assumem posicionamentos em relação a seus interlocutores e em relação aos textos que produzem” (VIAN JR., 2010b, p. 33). O efeito monoglóssico advém de o autor não abrir espaço para questionamentos sobre seu posicionamento – “existe diferença, sim”; já o efeito heteroglóssico, por outro lado, é resultante de o sujeito responder a uma voz que dizia não ter diferença. Na mesma sequência, o sujeito discursivo utiliza, mais uma vez, o recurso heteroglóssico, ao trazer novamente para endossar seu discurso, o compartilhamento de um vídeo comentando sobre a surdez (“A gauchinha TAINÀ nos faz refletir, com o seu testemunho”).

Retificando a informação dada pelo autor, reiteramos que a língua de sinais não é universal, a Libras é a língua de sinais do Brasil. Geralmente, cada país tem sua língua de sinais e raramente países compartilham a mesma língua de sinais, porém há exceções: podemos exemplificar com a Língua Gestual Portuguesa, que também é utilizada em Cabo Verde, entre alguns outros casos.

No Brasil, a língua de sinais teve início com a fundação do Instituto dos Surdos-Mudos em 1857, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES. O professor francês Ernest Huet foi o precursor do Instituto. Com isso, a Libras teve bastante influência da Língua Francesa de Sinais. Hoje, a Libras tem seu reconhecimento legal.

O reconhecimento da Libras foi uma vitória para a comunidade surda e para sua história cultural, social e educacional, uma vez que esteve marcada por opressões e pela falta de direitos dos surdos enquanto cidadãos.

No entanto, as mudanças sociais e culturais vividas por esses sujeitos os levaram à construção de sua identidade e ao reconhecimento de sua cultura, sendo, assim, reconhecidos como sujeitos surdos com valores culturais e linguísticos (PERLIN, 2003).

Exemplo 05

(SD5) “Muita gente reclama da redação do Enem... Eu quero parabenizar ao MEC pela iniciativa! Não pude fazer o Enem esse ano, mas estou muito feliz por terem escolhido

esse tema tão importante para a sociedade debater. Pois sabemos que há quase 9,7 milhões de surdos no Brasil, então é muito bom discutir providências e melhorias na nossa educação, a educação dos surdos no nosso país. Porque todos os temas até hoje, foram sobre políticas, sociedade, idosos, a crise, etc. Nunca foi sobre surdos, Libras...E também acho que dessa vez, eles realmente vão procurar entender melhor sobre os surdo. Isso serve de lição, para estimular as pessoas estudarem e entenderem sobre surdos. Temos a necessidade de mais pessoas se preocuparem com a inclusão e se sensibilizarem com as dificuldades, de mais estudantes reconhecerem e saberem da Cultura Surda. Uma língua vinda de muita luta e dedicação para quebrar as barreiras de comunicação no mundo, a Libras. Quem nunca ligou pra isso, pode ter se dado mal na prova. Mas valeu para refletir que existe outras pessoas diferentes, com outras necessidades. A Língua Brasileira de Sinais, finalmente, será discutida.”

Notamos, nessa postagem, que há uma crítica, julgamento negativo, acerca do comportamento das pessoas que estão reclamando da redação do Enem, utilizando-se de uma gradação por força, observada no trecho “muita gente”. Logo em seguida, é feita uma apreciação positiva quanto ao MEC, percebida no trecho “Eu quero parabenizar ao MEC”. Esses posicionamentos discursivos apontam para um sujeito que se preocupa com grupos vulneráveis, inclusive demonstrando conhecimentos que vão além de um simples simpatizante pela causa surda, já que aponta para dados do próprio IBGE (9,7 milhões de surdos) e para o histórico de luta dos Surdos. Com isso, o sujeito instaura formas de reconhecimento, evocando solidariedade em comunidades de valores (HONNETH, 2009).

O sujeito se mostra, assim, engajado com a causa surda, trazendo afeto a seu discurso no trecho “muito feliz”. Seu sentimento é de esperança de maior visibilidade à causa surda devido ao tema da redação do Enem, o que se observa nos trechos “procurar entender”, “serve de lição” e “estimular”.

Podemos entender o porquê de o sujeito discursivo ter utilizado o léxico “estimular”, pois a educação dos surdos ainda não funciona de maneira efetiva, apesar de todos os avanços assegurados por Leis e Decretos (BRASIL, 2002, 2005). Porém, os Surdos ainda não consideram que recebem o respeito cognitivo advindo das relações jurídicas, nem a estima social que deveria vir das comunidades de valores, ou de solidariedade. Nesse contexto, explica Honneth o seguinte:

[...] um sujeito é capaz de se considerar, na experiência do reconhecimento jurídico, como uma pessoa que partilha com todos os outros membros de sua coletividade as propriedades que capacitam para a participação numa formação discursiva da vontade; e a possibilidade de se referir positivamente a si mesmo desse modo é o que podemos chamar de “autorrespeito” (2009, p. 197, grifo do autor).

Essa defasagem educacional, que ocorre devido à ausência de professores qualificados para uma educação bilíngue e também pela falta de políticas públicas eficientes, torna os Surdos grupos vulneráveis em sua trajetória linguística e social, e, como consequência, segundo Honneth (2009), há efeitos em sua autoconfiança (autorelação prática em relação primária), em seu autorrespeito (autorelação prática em relações jurídicas) e em sua autoestima (autorelação prática em comunidade de valores).

Podemos notar que o sujeito discursivo interage com a comunidade surda em uma relação solidária, e a prova disso é o destaque que dá à Cultura Surda e à importância de valorizar sua língua, a Libras, pois “tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência, – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural” (GESSER, 2009, p. 09-10).

Algumas conclusões

Os comentários analisados tiveram um viés solidário para com a causa surda, tendo em vista a composição do *corpus* por discursos de simpatizantes. Refletir sobre a visão que a sociedade tem sobre a causa surda pode ser uma forma de ler o que está explícito (a favor) e implícito (indiferente ou contra) na tessitura dos comentários do Facebook.

Esse posicionamento a favor da causa nos conduz ao aporte que selecionamos: a Análise Crítica do Discurso e a denúncia de relações de poder e de opressão de grupos hegemônicos contra grupos vulneráveis; a Luta por Reconhecimento e a busca por solidariedade entre os grupos sociais; os Estudos Surdos e sua história de luta pelo reconhecimento de seus direitos e equidade social.

Nesse seguimento, acreditamos que a maioria dos sujeitos que foram até sua rede social se manifestar acerca do tema da redação do Enem foi para dar

apoio à luta da comunidade surda por seus direitos. Em vista disso, esperamos gerar resultados sólidos de mudança social, operando como práticas para contemplar questões sociais imediatas, servindo de estímulo para transformações na visão das pessoas com relação a seus modos de agir e olhar (MELO, 2018).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. A. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 99-112.
- BRASIL. *Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Unesco, 1994.
- BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 06 jan. 2019.
- BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 06 jan. 2019.
- CARTA. *Carta aberta dos doutores surdos ao ministro Mercadante*. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/grupos-de-pesquisa/CARTAABERTADOSDOUTORESSURDOSAOADMINISTROMERCADANTE.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- CARVALHO, P. V. de. *Breve história dos surdos no mundo*. Lisboa: Editora Surd'Universo, 2007, 172 p.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014, 228 p.
- GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 88 p.
- GESSER, A. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 192 p.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Discurso e prática social. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 78-103.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009, 296 p.

KINSEY, A. A. *Report of the proceedings of the International Congress of the Education of the Deaf held at Milan*. September 6th-11th. London, W.H. Allen & Co, 1880.

LIRA, L. C. E.; ALVES, R. B. C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 104-122.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora UnB, 2017, 260 p.

MELO, I. F. de. História da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 20-35.

PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 19-46.

PEDROSA, C. E. F. Análise Crítica do Discurso no PPGL: pesquisas e contribuições sociais. In: RAMALHO, C. B.; LIMA, G. de O. S. (Orgs.). *Estudos linguísticos e literários: Edição comemorativa 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS*. Aracaju, Criação, 2018, p. 153-178.

PERLIN, G. T. T. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 2003. 130 p. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997, 128 p.

ROCHELLE, E. L. *Le Congrès de Milan pour l'amélioration du sort des sourds- muets; rapport adresse a M. Eugène Pereire*. Paris: 1880, M. Saint-Jorre.

SOUZA, A. A. de. Gradação: força e foco. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 191-203.

SOUZA, M. C. de. *A "Luta por reconhecimento" no Facebook: a comunicação social nas redes sociais, uma interpretação sociológica*. 2016. 103p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SOUZA, V. dos R. M. *Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, 94 p.

STRÖBEL, K. L. História dos surdos: representações mascaradas das identidades surdas. In: QUADROS, R. M. de; PERLIN, G. (Orgs.). *Estudos surdos II*. Petrópolis, Arara Azul, 2007, p. 18-37.

VIAN JR., O. O Sistema de avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a, p. 19-29.

VIAN JR., O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos

sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b, p. 33-40.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (Orgs.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 48-77.